



“Bandido bom é bandido morto”: como as grandes mídias e o estado reforçam esse discurso de ódio no Brasil

Geraldo Emanuel de Abreu-Silva

Doutorando em Estudos Linguísticos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Brasil.

E-mail: gemabreu@gmail.com

Pesquisa realizada com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6619-2733>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 5

Número 1

Recebido em: 28/08/19

Aprovado em: 01/10/19

Resumo

Crises econômicas provocam aumento da criminalidade no Brasil levando parcela da população a afiliar-se a ideologias baseadas na violência, como na frase “Bandido bom é bandido morto” que ganha força através das mídias e governantes conservadores. Para compreender a historicidade da frase, mostrando suas relações com as memórias, neste trabalho, expomos um panorama que se foca sob uma abordagem cognitivista e discursiva vinculadas aos campos da Análise do Discurso e da Linguística Cognitiva, mais especificamente a psicolinguística. Podemos concluir que, muitas vezes, a população brasileira se afilia a esses discursos sem, no entanto, dar conta de suas consequências e, até mesmo, o reproduzem sem elaborar as devidas críticas sobre suas consequências.

Palavras-chave:

historicidade; memória de trabalho; memória de longo prazo.

1 Introdução

O crescimento da desigualdade social que é consequência das grandes crises econômicas, das políticas monetárias que privilegiam o lucro em detrimento do povo e dos altos índices de corrupção culminam no perceptível aumento da criminalidade no Brasil, isso pode ser notado, principalmente, a partir da grave crise econômica mundial que acomete, em maior medida, os países em desenvolvimento. Tal percepção, somada ao silenciamento de fatores que podem levar indivíduos a engendrar-se pelo mundo do crime, faz com que grande parcela do povo brasileiro acredite que a melhor forma para combater a criminalidade é o aumento de forças policiais nas ruas, a construção de presídios, a (re)tomada dos poderes pelos militares e o armamento da população, ou seja, os brasileiros se filiam, inconscientemente, a diversos discursos superficiais ou imediatistas sobre o combate ao crime.

Esses distintos discursos não circulam isoladamente (KRISTEVA 1967, apud. FIORIN, 2006) e, quando somados, formam uma rede de sentidos (ORLANDI, 1999) afirmando, indiretamente, que o combate deve ser estabelecido através do uso de armas de fogo, ainda que isso implique mais violência, dessa forma há uma parcela da população que é levada a filiar-se à ideologia **“bandido bom é bandido morto”** que no últimos anos, vem sendo repetida incessantemente no Brasil, seja de maneira explícita em discursos políticos e programas de televisão ou de maneira velada através de ações governamentais e policiais.

Em vista disso, este trabalho busca compreender os distintos discursos que perpassam essa frase, ou seja, sua interdiscursividade (FIORIN, 2006) o que, ao seu turno, garante seu funcionamento, significação e propagação pela sociedade brasileira e que é reforçado pela exploração nas grandes mídias e, também, por políticos brasileiros que vêm se valendo da onda conservadora, pela qual passa o Brasil, que promete combater a criminalidade a qualquer custo, inclusive de vidas.

Ademais, buscamos verificar a interdiscursividade que perpassa a expressão e como o discurso de ódio produzido por ela recebe reforço pelas atitudes do Estado. Logo, para explicitar os discursos que culminam nessa frase, faremos uma breve revisão sobre os termos memória de trabalho e memória de longo prazo sob a ótica cognitivista da psicolinguística (TRABASSO e MAGLIANO, 1996; LEÓN, 2003; CASSANY, 2006; E ESCUDERO, 2010) e do termo interdiscursividade (ORLANDI, 1999; FIORIN, 2006; FERRAREZI e ROMÃO, 2006) sob a ótica da AD, pois acreditamos que eles são necessários para compreendermos a “materialidade discursiva desse enunciado coletivo” (PÊCHEUX, 2006) que compõe a frase. É importante esclarecer que, para os efeitos deste trabalho, não nos atemos a análise do discurso francesa, inglesa, brasileira, germânica etc. Pois, segundo Orlandi (2005) ainda que a rigor pudéssemos falar em AD desenvolvidas em diferentes

regiões do mundo cujas tradições e estudos poderiam se diferenciar, torna-se mais importante

[...] que se articule sistematicamente a história do conhecimento metalingüístico com a história da constituição da própria língua, ligando-se a língua à sua exterioridade, a seus territórios, às populações, às nações e Estados com suas políticas. A ciência da língua que assim se considera não está apartada do território em que se produz. Tampouco a análise de discurso. (ORLANDI, 2005, p. 02)

Portanto, acreditamos ser mais proficuo compreender a Análise do Discurso como um campo mais amplo de conhecimentos que não se limita a apenas uma vertente de seus estudos. Isso dito, posteriormente, nos valeremos de trechos de uma notícia veiculada pelo jornal Folha de São Paulo (2018) sobre a premiação dada pelo, então, governador de São Paulo a uma policial, que posteriormente se elegeu deputada naquele estado, após ter matado um homem que, supostamente, iria assaltar pais em frente a uma escola, assim poderemos compreender como essa mídia e o Estado, através da imagem do governador, reforçam esse discurso de ódio. Finalizaremos, pois, com breves comentários sobre nossa análise da notícia.

2 Interdiscursividade e Memórias

Segundo Orlandi (1999, p. 30), “os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas[...]”, esses efeitos de sentido estão presentes tanto na estrutura textual como também, e principalmente, na história, no contexto sócio-histórico de produção, na exterioridade do texto e na confluência com outros dizeres, ou seja, como destaca a autora (op. cit.) os sentidos de um texto “tem a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito mas não foi”. Esse “dizer ali” e “dizer em outros lugares” pode ser entendido como o cruzamento de discursos que é empreendido quando os sujeitos acionam suas memórias para a produção e depreensão de determinados discursos.

A memória aqui não deve ser entendida apenas pela perspectiva cognitivista que, de maneira simplificada, a divide em dois tipos: a memória de trabalho (MT) ou de curto prazo e a memória de longo prazo (MLP) ou memória episódica (CASSANY, 2006; LEÓN, 2003; ESCUDERO, 2010; TRABASSO e MAGLIANO, 1996).

O primeiro tipo compreende uma quantidade limitada de processamentos nos quais há uma quantidade pequena de conhecimentos prévios que são ativados para a compreensão imediata de determinado enunciado, ela tem consequências diretas na quantidade de conhecimentos processados durante a compreensão imediata de um texto verbal ou oral, para Van Dijk (2009) é na memória de curto prazo que elaboramos raciocínios rápidos, superficiais e parciais, ou seja, sem muita reflexão

crítica. Portanto, é sob a perspectiva de memória de curto prazo que a frase objetivo de nosso trabalho se torna mais forte em sua disseminação e que, através da forte repetição e naturalização, começa a fazer parte da memória de longo prazo.

O segundo tipo compreende uma quantidade ilimitada de recursos que são acionados quando a memória de trabalho se torna insuficiente e também quando uma maior parcela de conhecimentos de mundo dos indivíduos deve ser acionada. É na MLP que estão armazenadas nossas representações do mundo mais antigas e cristalizadas, sua ativação em eventos discursivos toca as experiências pessoais, crenças sociais e ideologias dos sujeitos e grupos maiores. Quando algo se torna naturalizado em uma determinada comunidade, significa que foi armazenado na MLP de seus indivíduos.

Ainda que esses modelos nos auxiliem a compreender o processo de acionamento de conhecimentos prévios, eles pouco, ou não, oferecem a perspectiva da memória como parte da produção do discurso (ORLANDI, 1999). Além disso, sob o viés cognitivista, pode surgir uma ilusória noção da estabilidade da memória, visto que ela está armazenada e pode ser acessada sempre e quando o indivíduo tiver a necessidade de fazê-lo. No entanto, como destacam Ferrarezi e Romão (2006, p. 257) “[a] memória não é algo estático e engessado pela rigidez do imutável, mas lugar privilegiado de movências e de fraturas”, ela se atualiza, se modifica e nos cabe a função de perceber os efeitos já-ditos que ela expressa.

Adicionalmente, sob a perspectiva discursiva propomos sempre levar em consideração a cognitiva, as memórias serão tratadas aqui como “memória discursiva” que é “constitutiva do sujeito e do sentido e está em permanente jogo de repetição e de atualização, de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1999 apud. FERRAREZI e ROMÃO, 2006, p. 256) ou o “interdiscurso” (ORLANDI, 1999; FIORIN, 2006), ou seja, “é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, op. cit., p. 31, grifo nosso), para Fiorin (2006, p. 181) “[...] chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva”.

Como podemos ver, a interdiscursividade tem a ver com a combinação de elementos diversos presentes nos inúmeros discursos que se combinam e se repetem em outros discursos de modo a formar um todo reconhecível entre os indivíduos de determinada cultura. Esse processo é o que nos permite significar e compreender em nossos contextos imediatos e, ao mesmo tempo, estabelecer pontes entre contextos sócio-históricos e institucionais mais amplos, segundo Orlandi (op. cit., p. 31) “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”, é isso que, para os efeitos deste trabalho, consideramos a junção dos aspectos cognitivos e discursivos das memórias.

Ainda parafraseando a autora, todos os dizeres que significaram sobre determinado tema, ainda que distantes do contexto imediato, seguem significando e produzindo efeitos sobre os discursos atuais, ou seja, seria a MLP de determinada comunidade, isso é o que permite afirmar que “[...] as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 32).

Dessa forma, nos iludimos quando acreditamos ser a fonte de nossos dizeres, no entanto, a realidade é que não temos acesso a forma como esses dizeres formulam efeitos de sentido em nós ou nos outros e tampouco aprendemos a dominá-los. Ademais, um dizer nunca é finalizado em si, pois ele necessita da interdiscursividade para funcionar e que esqueçamos que não somos a origem dos discursos aos quais nos filiamos e, também, que algo que dizemos só pode ser dito daquela maneira e não de outra, o que Pêcheux (1974, apud. Orlandi, 1999) chama de esquecimento número 1 e esquecimento número 2, respectivamente. Esses esquecimentos se fazem imprescindíveis, visto que sem eles viveríamos com a sensação de que um outro sempre falaria por/através de nós.

Segundo Orlandi (1999, p. 35) “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós”, desta forma nossos discursos carregam toda uma memória de filiações históricas, sociais e institucionais, um sem fim de “vozes alheias” (FERRAREZI e ROMÃO, 2006, p. 256) que os sustentam com enunciados compreensíveis através do tempo. Em vista disso, podemos afirmar que há um já-dito que mantém o funcionamento do discurso e que “é sempre já-atravesado por vários outros que o precederam e que já estão postos em funcionamento em outros contextos sociais” (FERRAREZI e ROMÃO, op. cit.), portanto nós os proferimos e nos filiamos a eles, porém, ao contrário do que cremos, não somos sua origem e tampouco temos controle sobre seus efeitos.

Ferrarezi e Romão (2006, p. 256), ao abordar o tema, retomam Orlandi (2003 [1999]) e afirmam que:

Além do não-controle dos sentidos, Orlandi (2003) também nos diz que a incompletude é a condição da linguagem, pois os sujeitos, os sentidos e os discursos não estão acabados, mas sempre se fazem a partir das condições de produção, apoiados no/pelo interdiscurso que os sustenta, dando a impressão, ao sujeito, de que ele sabe do que está falando, de que seu dizer é pleno, fechado e homogêneo e de que há uma correspondência entre a linguagem e o mundo.

Em resumo, para finalizar esta discussão, destacamos que o conceito de interdiscursividade tem a ver com a inter-relação criada entre diversos discursos, diversos já-ditos e diversas memórias discursivas. Cria-se uma rede de discursos que se entrelaçam e se completam, o que implica dizer que não existem discursos completos, homogêneos, com uma única voz ou formado por uma única fonte semiótica. Essa rede de discursos influencia na formação de memórias coletivas,

valores, crenças e ideologias compartilhadas por indivíduos de determinada sociedade. Assim, acreditamos que as perspectivas cognitivas e discursivas devem ser tratadas em conjuntos para estudos que analisam os sentidos disseminados de afirmações como “Bandido bom é bandido morto”, pois, sem isso, torna-se mais difícil a compreensão de suas dimensões e consequências de maneira mais ampla.

Portanto, dotados dessa breve revisão, propomos uma análise inicial sobre os efeitos de sentido que as escolhas lexicais feitas pela autora de uma notícia e a ação de um governador ao premiar uma policial que reage a um assalto matando um ladrão criam e que culminam no reforço da frase “bandido bom, é bandido morto” que (re)toma força no atual contexto brasileiro.

3 Bandido bom é bandido morto?

Gostaríamos de iniciar nossa análise provocando o leitor a refletir sobre duas formas de contextualizar um acontecido:

(a) *No dia 12 de maio de 2018, um jovem foi alvejado por tiros por uma policial à paisana quando ele tentava cometer um assalto em frente a uma escola em Suzano (SP), ela foi homenageada pelo governador do estado.*

(b) *“O governador de São Paulo, Márcio França (PSB), fez uma homenagem à cabo Katia da Silva Sastre, 42, que matou um ladrão na porta de uma escola”.*

A primeira forma (a) foi elaborada especificamente para o presente trabalho, logo é uma ocorrência artificial, enquanto a segunda (b) faz parte dos excertos que queremos destacar da notícia¹, utilizamos duas frases distintas para tentar explicitar como as escolhas lexicais influenciam nos efeitos de sentido criados pelo discurso.

A frase (a) utiliza termos, sob o ponto de vista deste trabalho, menos pejorativos, com menos pressupostos e busca não influenciar a opinião do leitor sobre o homem baleado (ou influenciar de maneira menos negativa). Em vista disso, a escolha pela palavra “jovem” e da frase “tentava cometer um assalto” visa a mitigar as conotações negativas que os discursos podem expressar.

Por outro lado, podemos perceber como o excerto da Folha de São Paulo se vale de escolhas lexicais que influenciam na forma como o leitor criará a imagem daquele sujeito. Vejamos que o jornal o chama de “ladrão” o que faz com o espectador ative diversos discursos prévios, sua MLP, que perpassam essa palavra e que lhe agregam conotações negativas que são reforçadas ao longo da história, logo o “ladrão” será um sujeito ruim que comete crimes e, inclusive, “na porta de uma escola”, o que nos remete à presença de crianças indefesas naquele momento, assim percebemos como os sujeitos e os sentidos serão produzidos pelo discurso que o permeia, muito além de um sujeito de corpo físico, mas, principalmente,

¹ A notícia completa está disponível em: <<https://goo.gl/yKCh1W>>. Acesso em: 17 jun. 2018. Devido a limitações legais impostas pelo página do jornal, não podemos reproduzi-la neste trabalho.

enquanto sujeito com um corpo simbólico, segundo Orlandi (2012, p. 85) “quanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzindo em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso”.

Outro fator de destaque, e não menos importante, é o apagamento da identidade do homem morto, vemos que o governador tem um nome, um cargo e um partido político, a policial tem nome, sobrenome, idade e seu cargo os precede, em contrapartida o suposto “ladrão” é um sujeito com identidade apagada, não possui um nome, sobrenome ou idade até que esses sejam citados quase no final da notícia. O silenciamento de sua identidade incorre ao comum erro de se apagar as identidades de diversas pessoas que perdem a vida diariamente pelo Brasil. Ao não citar seu nome de imediato, a autora da notícia transforma aquele sujeito apenas em um “ladrão”, em um corpo inerte sem identificação, logo não meritório da simpatia do público, é a confirmação do que os Racionais MC’s dizem em uma canção “[...] **pro Estado é só um número, mais nada**”, aqui a desidentificação fortalece e reproduz o silenciamento daquela parcela da população que historicamente é colocada à margem da sociedade, ganhando destaque apenas por meio de estatísticas ou em notícias sensacionalistas que repetem ideologias que geram preconceitos.

Avançando sobre outros trechos da notícia, destacamos o seguinte excerto: (c) *“É gratificante por ter salvado vidas, porque não se sabe como seria o decorrer disso. É para isso que estamos nessa profissão, para defender as vidas, e foi o que eu fiz”*. Sob nosso ponto de vista, há uma contradição na fala da policial que afirma ter salvado vidas, ainda que isso tenha custado outra vida, existe um não-dito que nos faz pensar que ela não considera que aquele homem teve a vida tirada ou que sua vida valia menos que as dos outros ou que valia menos que os bens materiais que, supostamente, ele iria subtrair. Ou seja, ela, como policial, tinha que agir, e, na dúvida, é melhor salvar as vidas que “valem a pena” em detrimento daquela “descartável”.

A ação da cabo foi elogiada por parte da mídia e recebeu apoio de grande parte da população que viu o episódio como a aplicação da lei de talião, “olho por olho dente por dente”, isso pode ser observado na seguinte frase retirada da caixa de comentários da notícia “É a mãe do ano... pena que os "diretos humanos" e os hipócritas vão chiar...”.

O Estado, ao seu turno, que deve reprimir a ação ou, no mínimo, não reforçar a importância de algumas vidas sobre outras, utilizou-se de sua autoridade para homenagear a policial. O governador representante do povo do estado de São Paulo deu flores a cabo como reconhecimento de sua “destreza, a técnica e a coragem”, esse ato é bastante icônico, visto que elas, em geral, são presenteadas em datas comemorativas com simbolismos alegres nas sociedades, aniversário, casamento,

nascimentos etc., no entanto, neste contexto, adquirem uma simbologia de suporte a uma ação violenta e letal.

Em outro momento, o político disse lamentar a morte do jovem “Claro, o rapaz morreu, não é o ideal. A gente gostaria que as pessoas não morressem”, porém ele termina sua fala justificando essa morte e valorizando a ação policial, vejamos o último excerto: (d) “A gente faz isso para mostrar para as pessoas mais jovens que elas não se aventurem com uma arma na mão, porque estão sujeitas a morrer. Porque os nossos profissionais da segurança são bem treinados para fazer a segurança pública”.

Devemos perceber como ele pressupõe que são jovens que portam armas e buscam o caminho do crime e que essa busca poderá ter consequências como a morte, não há qualquer problematização, em suas palavras, sobre os motivos que podem levar parcela da população jovem de periferias a se inserir na criminalidade, ademais, ele não promove qualquer reflexão sobre possíveis ações governamentais no que tange à políticas sociais para diminuir a criminalidade, ao contrário busca afirmar que toda ação violenta compreenderá uma reação igualmente violenta do Estado e que seus agentes têm sua guarida para ações como essa. Como dissemos anteriormente, as grandes mídias, grande parcela da população e o Estado, se afiliam, sustentam e reproduzem a ideologia “bandido bom é bandido morto”.

4 Comentários finais

O presente trabalho pretendeu, de forma bastante incipiente, compreender como a frase “Bandido bom é bandido morto” é perpassada por distintos discursos que acionam as MT e a MLP que são reforçados e reproduzidos pelos meios de comunicação e pelo Estado. Buscamos explicitar como as perspectivas cognitivas e discursivas podem, e devem, ser estudadas em conjunto para compreender as escolhas textuais que servem de base para enviesar a leitura do público e, também, como aquele governador utilizou-se de sua posição de destaque para fomentar, de maneira dissimulada ou talvez inconsciente, a reprodução da frase.

Não buscamos oferecer uma análise final ou única, mas sim promover discussões sobre a interdiscursividade, a historicidade e as memórias que são estruturantes de nossos dizeres, temos ciência de que uma análise mais bem detalhada seria o ideal, no entanto acreditamos oferecer um panorama de como acontecimentos cotidianos são permeados por inúmeros já-ditos. Por fim, almejamos que outras discussões surjam a partir deste trabalho de modo a completá-lo ou, até mesmo, retificá-lo, pois entendemos que os temas aqui abordados apresentam grande riqueza de abordagens que podem gerar um número ainda maior de estudos.

Referências

- CASSANY, D. *Tras las líneas. Sobre la lectura contemporánea*. Barcelona: Anagrama, 2006.
- ESCUADERO, I. Las inferencias en la comprensión lectora: una ventana hacia los procesos cognitivos en segundas lenguas. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada A La Enseñanza de Lenguas*, Nebrija, n. 7, p.1-20, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/dt20Kj>>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- FERRAREZI, L; ROMÃO, L. M. S. Morte “anunciada”: sentidos de memória e heterogeneidade no discurso jornalístico. *Signótica*, [s.l.], v. 19, n. 2, p.255-276, 17 set. 2009. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/sig.v19i2.7469>.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.
- FOLHA DE SÃO PAULO. HAIDAR, S. Mãe PM que matou ladrão na porta de escola é homenageada por governador de SP: Márcio França entregou flores a cabo Katia da Silva Sastre pelo Dia das Mães. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/yKCh1W>>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- LEÓN, J. A. Una introducción a los procesos de inferencias en la comprensión del discurso escrito. In: LEÓN, José António. *Conocimiento y discurso: Claves para inferir y comprender*. Madrid: Piramide, 2003. Cap. 1. p. 23-45.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 75-88.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. (Tradução Eni. P. Orlandi). Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- RACIONAIS MC's, *Diário de um detento - Sobrevivendo no Inferno (1997)*, Compositor Jocenir.
- TRABASSO, T; MAGLIANO, J. P. Conscious Understanding during comprehension. *Discourse processes*, [s. L.], v. 21, n. 3, p.255-287, maio 1996. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01638539609544959>.
- VAN DIJK, T. *Discurso y Poder*. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2009. 417 p.

“Bandido bom é bandido morto” a hate speech reinforced by the Brazilian mass media and conservative politicians. An analysis under the discursive and cognitive biases.

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 5
Number 1

Received in: 28/08/19
Approved in: 01/10/19

Abstract:

Economic crisis causes an increase of crime in Brazil leading a part of the population to join ideologies that are based on violence, as in the phrase "bandido bom é bandido morto" that gathers strength through the media and the conservative politicians. To comprehend the historicity of the phrase, showing its relationships with memories, in this work, we expose a panorama that focus on a cognitivist and discursive approach linked to the fields of Speech Analysis and Cognitive Linguistics, more specifically the psycholinguistics. Therefore, is possible to conclude that, in many times, the Brazilian population affiliates to this speech without, however, realizing its consequences and, even so, reproduce it without elaborating the rightful critics about its consequences.

Keyword:

historicity; working memory; long term memory;